

A GALINHA PEDRÊS – Paulo Freire¹

"Fui alfabetizado no chão do quintal de minha casa, à sombra das mangueiras, com palavras do meu mundo e não do mundo maior dos meus pais. O chão foi o meu quadro-negro; gravetos, o meu giz." A crise de 29 Em 1929, a euforia que havia tomado conta da Europa e da América, com o final da Primeira Guerra Mundial, redundou em uma especulação desenfreada nas Bolsas de Valores, especialmente na de Nova York, elevando assustadoramente os preços das ações de empresas reais ou inventadas para atender à forte demanda de ações. A falta de sustentação econômica destes preços acabou produzindo, em 1929, um ajustamento traumático. Esta crise, que abalou o mundo, repercutiu no Brasil, afetando a nossa economia. Este fato interferiu profundamente na vida do menino Paulo Freire. "Minha família, que era de classe média, foi obrigada a deixar a casa em Recife para morar em Jaboatão, com a idéia mágica de que saindo de lá as coisas melhorariam. No entanto, elas pioraram. Este fato provocou uma mudança fundamental na minha vida." Jaboatão, município vizinho de Recife, foi de grande importância na vida de Paulo Freire. Foi lá que ele perdeu o pai e conheceu o significado da pobreza. "Em Jaboatão me tornei homem, graças à dor e ao sofrimento que não me submergiram nas sombras do desespero." Nascido numa família de classe média empobrecida com a crise, Paulo participou de dois diferentes mundos: de um lado, o status social dado "pela gravata do pai e o piano da tia e, do outro lado, o coleguismo com os meninos pobres". "Participando do mundo dos que comiam, mesmo que pouco comêssemos, participávamos também do mundo dos que não comiam, mesmo que comêssemos mais do que eles – o mundo dos meninos e das meninas dos córregos, dos mocambos, dos morros. Ao primeiro, estávamos ligados por nossa posição de classe; ao segundo, por nossa fome." Esta situação levou Paulo a se auto denominar "menino conectivo" São muitas as histórias, lembradas por Paulo, relativas a este período sofrido, mas rico de aprendizagens. Esta é uma delas: "Eu tinha possivelmente onze, doze anos, um pouco faminto, mas não tanto quanto dos meninos deste país, desde continente.

Lembro-me de uma manhã de domingo, uma manhã sem chuva. Estávamos, meus irmãos mais velhos e eu, no fundo do quintal, num gramado em que minha mãe plantara algumas roseiras para enfeitar a vida difícil. Eis que uma galinha pedrês se aproxima de nós distraída, acompanhando com seu pescoço ondulante os pulos de um gafanhoto incauto. Em certo momento, a galinha apanhou o gafanhoto. E nós apanhamos a galinha. Pegamos a galinha num salto, sem haver um acerto prévio. A mediação da nossa ação era a fome dos três, era a razão de ser da prática, e quando minha mãe ouviu os gritos da galinha e correu até nós no quintal, ela já não gritava mais porque entrava nos estertores. Nós havíamos estrangulado a galinha. E eu não esqueço que minha mãe, cristã, católica, séria, bem-comportada, com uma consciência ética bastante aguçada, agarrou a galinha pedrês nas mãos e deve ter dito a ela mesma: o que fazer? Devolver esta galinha ao proprietário pedindo desculpa pelo ato dos seus filhos, como possivelmente a sua consciência ética sugeriria, ou, pelo contrário, fazer com aquela galinha o lauto almoço que há tempo não tínhamos? Claro que ela nunca me disse isto, eu apenas traduzo a sua hesitação. De repente, sem dizer palavra, vira para o terraço e encaminha-se para a cozinha, com o corpo quente da galinha do vizinho. Uma ou duas horas depois, comíamos uma excelente refeição. No dia seguinte, não há dúvida nenhuma que o dono sentiu falta da galinha e deve ter estrebuchado de raiva contra o ladrão. Possivelmente ele jamais poderia ter pensado que junto dele, na casa do vizinho, estavam os autores do sumiço. Mas ele não podia fazer esta conjectura porque os autores do sumiço eram os filhos do capitão Temístocles, meu pai, e os filhos do capitão Temístocles não podiam ser ladrões de galinha. O meu vizinho não podia pensar que nós éramos os autores daquele furto porque a classe social à que nós pertencíamos não possibilitava que ele fizesse esta conjectura. No máximo, se viesse a descobrir que éramos nós os autores, o vizinho iria dar uma riso discreto e dizer à minha mãe: não se preocupe, isto é trela das crianças. Se fossem, porém, meninos de um operário, teriam sido considerados delinqüentes infantis. Na verdade, não éramos e nem fomos delinqüentes, matamos a galinha pedrês do vizinho para comer. Tínhamos fome. Inclusive, naquela época, eu não furtei dinheiro porque não houve chance, senão teria furtado. Mas açúcar de uma venda que tinha próxima da nossa casa eu quase canso de roubar. Descobri na infância que o açúcar era energético, e era meu corpo que ia aos torrões de açúcar bruto e não a minha mente, se eu posso fazer esta dicotomia inviável. Penso nos meninos com fome, nos meninos traídos, nas meninas vilipendiadas nas ruas deste país, deste e de outros continentes.

Meninos e meninas que estão inventando outro país. E nós, mais velhos, temos que ajudar essas meninas e esses meninos a refazer o Brasil." As dificuldades enfrentadas levaram Paulo a perceber que havia algo de errado num mundo onde algumas pessoas eram submetidas a tantas carências e que estas injustiças podiam ser mudadas. Esta atitude de fé nas possibilidades de mudança, que mais tarde ele chamou de "otimismo crítico", tornou-se uma das marcas da sua pedagogia: indignação frente à realidade injusta, mas também luta pela sua transformação. "Uma das fundamentais diferenças entre mim e intelectuais fatalistas que não sonham, não crêem em utopias, está no otimismo crítico e nada ingênuo que me anima. A esperança é exigência ontológica dos seres humanos." Foi, portanto, em Jaboatão, na convivência com a pobreza, que Paulo se preparou para o compromisso com os oprimidos.

i Consultado em: http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:6P_kzRSBI5AJ:pedagogiadidatica.blogspot.com/2008/01/paulo-freire-para-educadores.html+%amp;cd=3&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br - em 02.09.2014